

A207752-1
No caminho do desenvolvimento

UMA SIDERÚRGICA, DUAS VILAS E MUITA POLÊMICA

Vale negocia com 110 famílias a saída de suas casas em Anchieta

DENISE ZANDONADI

dzandonadi@redgazeta.com.br

■ ■ “Aqui, tudo é gente minha. Todo mundo se conhece, não tem violência e nem roubo. Por isso, tenho fé em Deus de só sair daqui no caixão”. Assim resume o que sente Petrolina de Jesus Vitor, uma mulher de 93 anos que nasceu, sempre viveu e mora até hoje na comunidade de Monteiro, uma vila do município de Anchieta que vai desaparecer, caso seja aprovado, pelos órgãos ambientais, o projeto de construção de uma siderúrgica na região. Se isso acontecer, 110 famílias terão que sair de suas casas.

A história de dona Petrolina reúne um pouco da história de cada um dos moradores das duas comunidades - a outra é Chapada do A - localizadas bem no centro da área onde a Vale pretende instalar a usina. Terra antes habitada por indígenas - pelo menos é o que dizem os artefatos que esporadicamente são encontrados na região -, o lugar não era exatamente onde a mineradora queria instalar sua fábrica de placas de aço no Espírito Santo.

Depois que o primeiro projeto - Companhia Siderúrgica Vitória (CSV), que seria construída em parceria com a chinesa Baosteel - foi rejeitado pelos órgãos ambientais sob alegação de que



FOTOS DE CARLOS ALBERTO SILVA



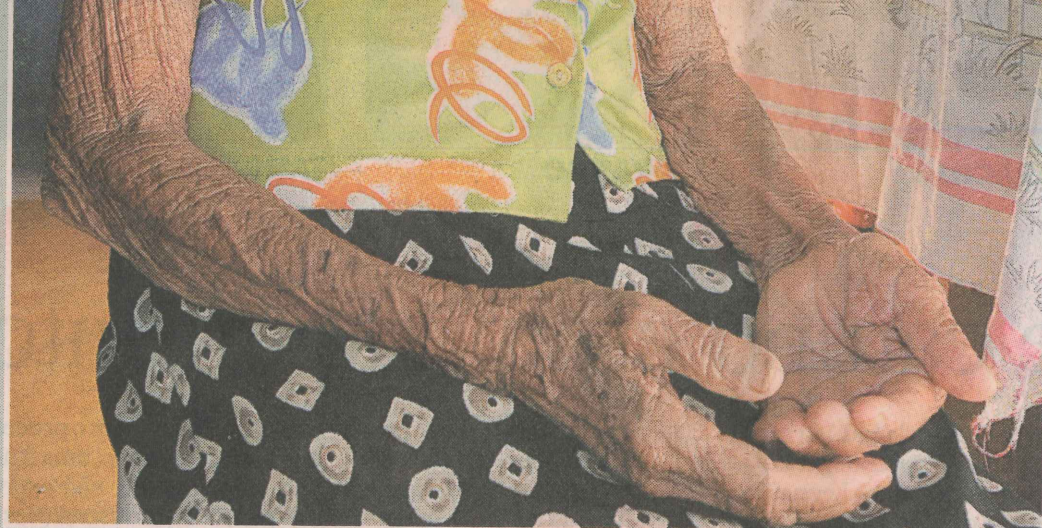
HISTÓRIA. Ostério dos Santos, 51 anos, três filhos e a decisão de não deixar seu passado se perder no tempo



QUER FICAR. Ormezinda Cassilhas, 46 anos, cuida do posto de saúde de Chapada e não quer deixar a comunidade

dientais sob alegação de que não haveria água suficiente e que a região não suportaria mais emissão de partículas, a Vale decidiu mudar a localização da siderúrgica.

Segundo os executivos da CSU e os técnicos que cuidam do projeto, a mudança visa a exatamente melhorar a localização da usina de aço quanto à emissão de particulados. Em relação ao fornecimento de água, não há influência da localização, já que o segundo projeto prevê a recirculação de mais de 70% da água doce e o uso de água do mar para o resfriamento dos equipamentos.



HISTÓRIA EM PESSOA. Dona Petrolina, aos 93, não quer deixar a vila em que nasceu



QUER IR. Baiano, Flávio Cardoso de Jesus, 32 anos, se casou com moradora: "Acho que é melhor vender e ir embora"

HISTÓRIA ESQUECIDA

Em Monteiro, dona Petrolina fez sua história, casou-se, criou os 11 filhos, recebe os netos e bisnetos – “perdi a conta de quantos tenho, nos dois casos” – e não cogita ir morar na cidade de Anchieta, onde moram filhas e filhos. Prefere ficar em Monteiro com o filho Ilmo, de 66 anos, aposentado, que cuida dela há três anos.

“Depois que me aposentei como cozinheiro de um hotel em Anchieta, eu e meus irmãos conversamos e ficou decidido que eu ficaria morando aqui para cuidar da minha mãe. Os outros filhos dela, netos bisnetos e parentes vêm visitá-la sempre, mas eu é que fico aqui o tempo todo. Não sei o que será dela agora que vamos ter que sair daqui para essa empresa vir pra cá”, comenta Ilmo Vitor.

A incerteza quanto ao que será da vida e o que restará da história de cada um não é só de Ilmo ou de dona Petrolina. De uma maneira ou de outra, mesmo os jovens, que buscam oportunidades de trabalho, manifestam a preocupação com o que encontrarão pela frente quando deixarem a vida das comunidades de Monteiro e Chapada do A para morarem em outros lugares, como quer a Vale.

O que tem na Chapada do A e em Monteiro

As duas vilas abrigam 110 famílias, 73 em Chapada e 37 em Monteiro. Conheça um pouco delas



1

HISTÓRIA

Chapada do A e Monteiro são os nomes das duas comunidades que estão bem na área onde a Vale pretende construir sua siderúrgica, no município de Anchieta. Chapada do A recebeu este nome porque o trem que saía de Jabaquara para Anchieta parava numa chapada onde havia uma caixa d'água, exatamente no local onde hoje está a comunidade formada por 73 famílias. A vila, que fica próxima à Samarco (foto 4), depois de muita reivindicação junto à prefeitura de Anchieta, tem agora, recém inaugurados, ginásio de esportes (foto 3) e escola (foto 5) com quatro salas para atender os 50 alunos das duas comunidades (foto 1). Tem ainda estrada asfaltada recentemente, inclusive até à comunidade de Monteiro, o que também era reivindicado. A Chapada do A tem até a sede da empresa Demil, empreiteira que presta serviços para a Samarco Mineração e igrejas (foto 2).



2



3



4

Onde fica

Em Anchieta

BR 101

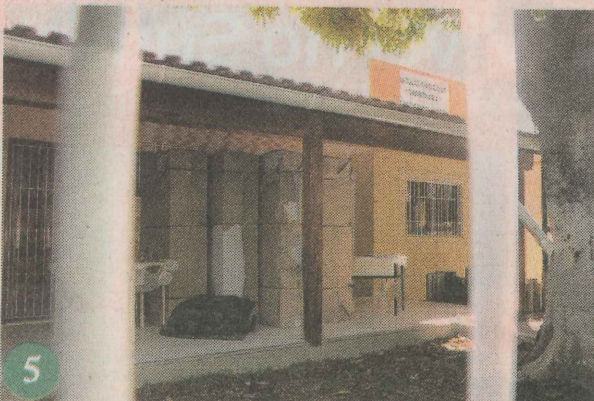
Vilas

- Chapa do A
 - Monteiro
- Próximo à área da Samarco

PIUMA



A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson



5

A207752-2

Vale promete “zelo” e “respeito”

Empresa reconhece que processo é delicado e diz que vai negociar com todas as famílias o seu deslocamento

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

■ Planejada para entrar em operação em 2014, a Companhia Siderúrgica Ubu (CSU) está com seu projeto em análise pelos órgãos ambientais. A intenção da Vale é instalar uma planta para produzir 5 milhões de toneladas de aço por ano em Ubu, além de um porto para exportação. A empresa já tem projetos para outras siderúrgicas: vai inaugurar, este ano, uma com a alemã Thyssenkrupp, no Rio de Janeiro e quer implantar uma no Pará e outra no Ceará.

Técnicos e executivos da empresa e os que já atuam na já constituída CSU, admitem que a necessidade de remoção das duas comunidades não estava nos planos. “É preciso reconhecer que o processo é delicado e o assunto tem que ser tratado com muito respeito e zelo”, ressalta o coordenador de projetos siderúrgicos da CSU, Danilo Bahiense.

A empresa tem experiência com esse tipo de situação e promete observar os valores das pessoas que moram nas duas comunidades. Para dar início ao processo, a Vale contratou o Instituto Ideias que está fazendo o contato inicial com todas as famílias (73 na Chapada do A e 37 em Monteiro).

Depois do levantamento de todas as famílias e moradores, a empresa espera apresentar

as propostas para a comunidade. O que será proposto para as duas comunidades é a indenização assistida, onde o morador não só recebe pelo imóvel, como é auxiliado na procura e aquisição do novo imóvel, em local e cidade escolhidos pelo próprio morador.

As outras duas propostas são: deslocamento das famílias para um novo bairro a ser construído, com infraestrutura, escolas, postos de saúde, ruas e o que mais um bairro precisa ter; ou deslocamento para bairro com es-

trutura já existente e de escolha do morador.

Nas três situações, segundo Bahiense, a empresa presta toda a assistência. “Há uma equipe imobiliária que presta ajuda para encontrar o melhor imóvel dentro das possibilidades de cada um, no local onde a família deseja se instalar”, explica. Até junho, a direção da CSU acredita que terá condições de apresentar para os moradores as alternativas para as mudanças.

Bahiense é otimista quanto à possibilidade de encontrar

boas e até melhores moradias para as pessoas de Chapada do A e Monteiro. Alguns moradores pensam em sair, querem outras alternativas, caso de alguns jovens e adolescentes. Mas, a maioria dos adultos ouvidos pela reportagem não quer saber de sair do lugar onde nasceu, cresceu e onde pensa em criar os filhos. A escolha foi feita mesmo admitindo que os empregos que serão gerados pela siderúrgica serão de grande importância para a população das comunidades.

PARA SEU FILHO ENTENDER

COMO FUNCIONA UMA SIDERÚRGICA

O aço é produzido, basicamente, a partir de minério de ferro, coque e cal. O primeiro passo é a extração do minério. Depois, essa matéria-prima é levada para a siderúrgica, é beneficiada, misturada a outros materiais e transformado em vários tipos de aço. A fabricação do aço pode ser dividida em quatro etapas: preparação da carga, redução, refino e laminação. A Vale,

por exemplo, pesquisa, produz e comercializa minério de ferro e pelotas, níquel, concentrado de cobre, carvão, bauxita, alumina, alumínio, potássio, caulim, manganês, ferroliga, cobalto, metais do grupo platina e metais preciosos. Minério de ferro, pelotas e manganês são necessários para a construção de casas e prédios e a fabricação de automóveis, máquinas e

equipamentos. Níquel e alumínio alimentam fábricas de aviões, equipamentos médicos e embalagens. O cobre entra na composição de equipamentos eletroeletrônicos. O caulim é usado na indústria de papel, e o potássio é insumo para fertilizantes, utilizados na produção de alimentos. Em Ubu, serão fabricadas placas de aço bruto.



CARLOS ALBERTO SILVA

“Minha família está aqui há seis gerações”

■ Mesmo depois de ter morado em outra cidade para estudar, Shimerly de Oliveira Pereira, pedagoga de 33 anos, um filho de cinco e professora do ensino fundamental, não pensa em sair de Chapada do A. “Fico pensando na frase do meu irmão que costuma dizer que, depois que mudarmos, falaremos assim: “Era uma vez uma vila, onde moravam pessoas felizes, que se conheciam e que se perderam no mundo...” Mesmo depois de ter iniciado o cur-

so de pós-graduação em Alfabetização, Shimerly disse que não pretende sair da Chapada, assim como seus dois irmãos e os pais. “Minha família está aqui há seis gerações” e eu decidi criar aqui meu filho exatamente porque é mais tranquilo e as crianças podem brincar livremente. Não tenho nenhuma intenção de me mudar”. As crianças de nove e dez anos, que moram em Monteiro e estudam na escola da professora Shimerly, porém, não pensam como ela. Eles querem morar na cidade, querem mais opção de lazer, querem estar mais próximos da praia e das promessas do mundo moderno.